

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ISABELLA MIGUEL VANNUCCI

**A INFLUÊNCIA DA GESTÃO EMPRESARIAL NA TAXA DE MORTALIDADE DAS
MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE UBERLÂNDIA.**

**UBERLÂNDIA
JULHO DE 2017**

ISABELLA MIGUEL VANNUCCI

**A INFLUÊNCIA DA GESTÃO EMPRESARIAL NA TAXA DE MORTALIDADE DAS
MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE UBERLÂNDIA.**

Artigo acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador:

**UBERLÂNDIA
JULHO DE 2017**

ISABELLA MIGUEL VANNUCCI

**A INFLUÊNCIA DA GESTÃO EMPRESARIAL NA TAXA DE MORTALIDADE
DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE UBERLÂNDIA.**

Artigo acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Banca Examinadora:

Nome do Professor
Orientador

Nome do Professor
Membro

Nome do Professor
Membro

RESUMO

Na presente pesquisa, investigaram-se os fatores que afetam a mortalidade das Micro e Pequenas Empresas na percepção de alguns empresários da cidade de Uberlândia. A pesquisa classifica-se como descritiva, tendo sido analisados os seguintes construtos: a influência da gestão empresarial na taxa de mortalidade das MPE; perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa; falta de planejamento do negócio antes de sua abertura; a má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade; o baixo crescimento da economia brasileira; os problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão); insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributária, trabalhista e de crédito); e, por fim, a má gestão financeira na empresa. Para a coleta dos dados, foi feita a aplicação de um questionário baseado na pesquisa de Markus e Moraes (2015). A amostra do estudo é composta por 25 empresários, situados na cidade de Uberlândia. Os resultados auferidos possibilitaram identificar os principais motivos reconhecidos pelos empresários, de modo que a determinante de maior relevância está relacionada à gestão empresarial exercida na empresa e à forma como são conduzidas as ferramentas de gestão nas organizações.

Palavras-chave: MPE, Gestão Empresarial, Gestão Financeira, Planejamento, Mortalidade.

ABSTRACT

In this research, we investigate what factors influence the Small Business' mortality, in the perception of businessmen from Uberlândia city. This is a descriptive research and we analyze the following parameters: influence of the business management in the mortality rate of the Small Business; entrepreneur profile weakly developed in the most beginner businessmen; absence of a business plan before start it; the bad business management along the first years of the company; weak economic growth of the Brazil; the personal problems of the company owners that affect their business (dispute between partners, health and succession problems); insufficient public policies to support Small Business (taxes, worker rights, and credit); finally, the bad financial management. To information collection, we applied questionnaires based in the Markus e Moraes (2015) research. The survey was made with 25 small businessmen, from Uberlândia city. The achieved outcomes shown us the main reasons recognized by small businessmen to their failures, which are: business management played in the company, and the way like the management tools are worked.

Keywords: Small Business, Business Management, Financial Management, Planning, Mortality.

1 INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas (MPE) representaram, em 2011, mais de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Existem cerca de nove milhões de MPE no país, constituindo-se como as principais geradoras de riqueza no comércio nacional. Elas exercem, portanto, um importante papel social e econômico em relação à geração de empregos e distribuição de renda, contribuindo, assim, para o fortalecimento da economia. (SANTOS, SILVA E NEVES, 2011).

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) (2014), as MPE, em conjunto, responderam, em 2014, por 27% do PIB, 52% do total de empregos e por 40% da massa salarial. Esses dados não contemplam, ainda, as MPE informais, que também geram renda e empregos, demonstrando-se a importância de incentivar e qualificar os empreendimentos de pequeno porte.

Em contraponto a esse destaque das MPE nos cenários social e econômico nacional, percebe-se que a mortalidade entre esse tipo de empresa também é relevante. Segundo Marques (2009), a alta taxa de mortalidade nesses negócios resulta de alguns principais fatores, a saber: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa; a falta de planejamento do negócio antes de sua abertura; a má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade; o baixo crescimento da economia brasileira; os problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão); e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributária, trabalhista e de crédito), à medida que o planejamento e o controle financeiro tornam-se ferramentas básicas para o crescimento de uma empresa.

Percebe-se que as MPE enfrentam problemas bem específicos em razão das suas peculiaridades. Assim, apesar de serem atrativas do ponto de vista de rentabilidade, as deficiências na gestão financeira e operacional revelam que os micro e pequenos empresários operam de maneira ineficiente, o que deixam as MPE vulneráveis ao mercado e aos imprevistos comuns dos negócios. (SANTOS, SILVA E NEVES 2011).

Com base nas premissas apresentadas, o presente estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: **Qual é a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e ao seu impacto na mortalidade, no município de Uberlândia?** Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é, reitera-se, analisar a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e taxa de mortalidade das empresas do setor de varejo em Uberlândia.

Para que seja possível a concretização do objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

(i) Identificar os fatores preponderantes na mortalidade das MPE; (ii) Analisar bibliograficamente os conceitos que envolvem o assunto; (iii) Identificar a eficácia do planejamento financeiro; (iv) Investigar os aspectos relevantes na gestão de uma MPE; e (v) Mensurar a possibilidade de uma boa gestão empresarial na aplicação de prevenção de um alto índice de mortalidade.

O estudo mostra-se relevante devido à importância das MPE na economia brasileira, em contraste com seus altos índices de mortalidade, uma vez que boa parte delas encerram suas atividades em menos de cinco anos após o seu início, em decorrência de má gestão. (MARKUS & MORAES 2015).

Entende-se, portanto, que a presente pesquisa poderá contribuir para o esclarecimento de dúvidas sobre o perfil do empresário e a sua trajetória de gestão empresarial, podendo propiciar uma adequada sintonia entre os diversos fatores envolvidos no desenvolvimento e aperfeiçoamento da gestão empresarial. Além disso, estudos dessa natureza podem colaborar para a compreensão e melhoria de aspectos relativos ao planejamento e desenvolvimento da empresa. Esta pesquisa pode ser utilizada, ainda, pelos empresários de MPE com o objetivo de detectar as falhas e melhorias na organização, contribuindo não somente para a área gerencial, mas também para as áreas acadêmica e social.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Mortalidade em Micro e Pequenas Empresas

O Sebrae (2014) define as MPE como as principais geradoras de riqueza no comércio no Brasil, englobando as Empresas de Pequeno Porte (EPP), Microempresa (ME) e Microempreendedor Individual (MEI). Essas empresas vêm adquirindo, ao longo de mais de 30 anos, uma importância crescente em razão de seu papel socioeconômico no país, como já demonstrado.

As MPE são protegidas pela Lei Geral das micro e pequenas empresas, constituída em 2006 para regulamentar o disposto na Constituição Brasileira que prevê o tratamento diferenciado e favorecido à micro e à empresa de pequeno porte. Devido ao fato de as MPE serem muito importantes para a geração de empregos, distribuição de renda, inclusão social, redução da informalidade e fortalecimento da economia, foi instituído o regime tributário específico para os pequenos negócios, denominado Simples Nacional, com base no qual a

carga de impostos é reduzida e os processos de cálculo e recolhimento são simplificados (SEBRAE 2016).

Segundo Markus e Moraes (2015), boa parte das MPE encerram suas atividades em um, três ou cinco anos após seu início, e a causa dessas mortalidades está ligada à má gestão. No mesmo sentido, Santini et al. (2015) relatam que uma grande parte das MPE encerram suas atividades no primeiro ano de funcionamento e que, em virtude da importância dessas empresas, é necessário o estudo dos aspectos causadores de sucesso ou fracasso que interferem na sua vida econômica, em que o empreendedor precisa saber assumir riscos e enfrentar as dificuldades, sempre inovando o negócio.

Sales, Barros e Pereira (2011) mostram que uma grande parte das empresas não sobrevive por mais de 2 anos e que, na maioria das vezes, o sucesso depende da formação e da capacitação dos empresários para um bom gerenciamento e para desenvolver a habilidade de criação e autorrealização.

Markus e Moraes (2015) apontam, ainda, que algumas características específicas, relacionadas à má gestão, podem explicar o fracasso das empresas. Tais fatores constituem-se por: falta de sensibilidade ao ambiente; déficit em habilidade para aprender a se adaptar; falta de coerência e identidade; carência de desenvolvimento de uma comunidade e personalidades próprias; intolerância; falta de habilidade para forjar relacionamentos com outras empresas; e ausência de gestão financeira conservadora.

Santini et al. (2015) apresentam, por outro lado, que os fatores que levam à mortalidade dos negócios são: a magnitude gerencial e administrativa, acompanhada pelo conhecimento de mercado e clientes; a condução da gestão financeira da empresa; e, por último, aspectos externos, referentes à economia da região ou país, como juros, crise, desastres ambientais, entre outros. A insuficiência de conhecimento nas áreas de gestão, economia, contabilidade e *marketing* também pode, de acordo com os autores, influenciar no bom desempenho da empresa.

Em um estudo com MPE na Bahia, Faria, Azevedo e Oliveira (2012) constataram que a maioria dos gestores possuíam apenas o ensino médio e não detinham conhecimento sobre as informações contábeis para gestão, priorizando, assim, suas experiências e intuição para tomar decisões no negócio.

Além disso, para Sales, Barros e Pereira (2011), o pouco tempo dedicado para planejamento empresarial antes de abrir o negócio pode comprometer o desempenho das MPE. Observa-se, também, a ausência de busca, por parte das empresas, por apoio, assistência ou assessoria de algum profissional, consultor ou contador, para ajudá-las na

administração. Ademais, o baixo índice de utilização da pesquisa de mercado, de análise financeira e econômica também são fatores condicionantes para a mortalidade das micro e pequenas empresas.

Sendo assim, a partir das pesquisas realizadas, percebe-se que a alta taxa de mortalidade resulta de alguns fatores principais, já descritos anteriormente. Reitera-se: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa; a falta de planejamento do negócio antes de sua abertura; a má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade; o baixo crescimento da economia brasileira; os problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão); e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributária, trabalhista e de crédito), de forma que o planejamento e o controle financeiro tornam-se ferramentas básicas para o crescimento de uma empresa (MARQUES 2009). Nesse sentido, o próximo tópico abordará a relevância da gestão empresarial como um apoio para o desenvolvimento das MPE.

2.2 Gestão Empresarial

Segundo Veloso e Porto (2015), a gestão empresarial começou a ter um maior incentivo depois do século XX, quando a área financeira passou a ter grande importância no crescimento das empresas, com a demanda de planejamento, controles financeiros e capacitação para gerenciar. Tudo isso acompanha uma competitividade crescente no mercado, tornando a gestão empresarial essencial em qualquer organização.

No mesmo sentido, Marques (2009) define que a essência da gestão, do planejamento e controle empresarial estrutura os gestores de uma empresa para um processo contínuo na tomada de decisão ao longo do destino, a curto e longo prazo, do negócio. O planejamento é, então, entre as funções gerenciais, a primeira ferramenta a ser utilizada, para que decisões possam ser tomadas no futuro.

Baradel, Martins e Oliveira (2010) acrescentam, ainda, que o uso de ferramentas gerenciais possa minimizar os riscos internos e externos, uma vez que as ferramentas proporcionam uma previsão e preparo dos acontecimentos futuros, tornando o planejamento e controle indispensáveis para a sobrevivência da empresa.

Santos, Lavarda e Marcello (2014) apresentam, também, os sistemas de controle gerencial como ferramentas aplicadas que podem ser benéficas aos objetivos organizacionais, por meio do alinhamento de interesses dos gestores.

Baradel, Martins e Oliveira (2010) evidenciam, ainda, o modo como são gerenciadas as entradas e saídas de caixa de uma microempresa comercial para a realização do planejamento e controle financeiro, demonstrando a importância da utilização de uma ferramenta gerencial para o processo decisório. Dessa maneira, o empresário torna-se o maior responsável pela tomada de decisões.

Veloso e Porto (2015) buscam, ademais, retratar a importância do planejamento financeiro nas MPE com base na responsabilidade do administrador que almeja alcançar os objetivos da empresa – a melhoria do ambiente de trabalho e o fortalecimento da empresa no mercado. Os autores denotam, pois, que, por meio do planejamento, o administrador financeiro consegue tomar decisões de forma segura, sem comprometer a estabilidade da empresa.

Cunha e Soares (2010) relacionam a efetividade nas empresas a uma boa gestão empresarial, em que planejar representa a capacidade de coordenar constantemente, para o alcance dos objetivos da empresa. A maior parte das pequenas empresas não utiliza seus recursos financeiros da melhor forma possível, devido à falta de planejamento por parte dos empresários que administram essas empresas. Os autores reforçam: “Este fato [a falta de planejamento] acaba dificultando muito a sobrevivência da empresa, pois estas normalmente não possuem grandes reservas de capital, e ao encontrar as primeiras dificuldades não estão preparadas e acabam sofrendo problemas.” (CUNHA, SOARES, 2010, p.30).

Assim, pode-se afirmar que o planejamento não é o único responsável pelo crescimento da empresa, ele é apenas uma das várias ferramentas de gestão. Para se obter sucesso organizacional, o planejamento precisa ser acompanhado antes e durante a execução, controle e, se for necessária, correção, para que, assim, haja um gerenciamento empresarial eficiente das ferramentas de gestão (CUNHA E SOARES 2010).

Diante da relevância da gestão empresarial para o sucesso dos empreendimentos, na sequência, são apresentados alguns estudos que envolveram a temática no âmbito das MPE, que apresentam altos índices de mortalidade.

3 ESTUDOS ANTERIORES

Como evidenciado até então, este estudo demonstra aspectos da mortalidade em MPE, com foco na importância da gestão empresarial. Como referência bibliográfica, foram utilizados os artigos apresentados por Marques (2009), Cunha e Soares (2010), Baradel, Martins e Oliveira (2010), Santos et al. (2011), Sales, Barros e Pereira (2011), Santini et al.

(2015), Santos, Lavarda e Marcello (2014), Markus e Moraes (2015) e Veloso e Porto (2015). Esses textos tratam de abordagens diferentes na área de gestão empresarial, que influenciam a taxa de mortalidade das MPE.

Os artigos complementam-se ao apresentarem aspectos relevantes quanto à importância do planejamento financeiro e operacional, deixando claros os resultados significativos do uso de alguma ferramenta gerencial por parte das MPE. Essa prática, como demonstram os textos, pode possibilitar o controle de todas as áreas dentro da organização, para um melhor desenvolvimento e colocação da empresa em meio à competitividade no mercado. Entretanto, nota-se que muitos dos responsáveis por essas empresas acreditam que, em virtude do porte dessas organizações, não há necessidade de um planejamento empresarial. Como consequência disso, muitas vezes, essas MPE tornam-se vulneráveis ao mercado e acabam contribuindo para a taxa de mortalidade de empresas devido à falta de gestão. (VELOSO; PORTO 2015), (BARADEL, MARTINS; OLIVEIRA 2010), (SANTOS, LAVARDA; MARCELLO 2014), (CUNHA; SOARES 2010).

Marques (2009) apresenta um estudo apontando a continuidade e a sustentabilidade nas MPE mediante um bom planejamento financeiro, já que as altas taxas de mortalidade dessas empresas demonstram que elas estão passando por dificuldades tanto financeiras quanto operacionais. Em sua pesquisa, Marques (2009) teve como objetivo geral avaliar a importância do planejamento e do controle financeiro nas MPE e constatou, pelo método qualitativo, o que leva tais empreendimentos a altas taxas de mortalidade.

Como resultados, Marques (2009) atesta que a mortalidade decorre, principalmente, dos fatores destacados anteriormente neste texto: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa; a falta de planejamento do negócio antes de sua abertura; a má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade; o baixo crescimento da economia brasileira; os problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão); e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributária, trabalhista e de crédito).

Baradel, Martins e Oliveira (2010) também buscaram, por meio de uma pesquisa qualitativa em uma microempresa do segmento varejista, evidenciar a importância do planejamento e do controle financeiro. Os resultados demonstraram o papel positivo da utilização de uma ferramenta gerencial para o processo decisório, em que o empresário se torna o maior responsável pela tomada de decisões. Eles constataram, ainda, que o gestor não utiliza ferramentas gerenciais como auxílio em vistas da melhor decisão para o negócio e que

mesmo a implementação do fluxo de caixa, que possibilita maior conhecimento da empresa, não foi suficiente para mudar a gestão.

Cunha e Soares (2010), por meio de um estudo descritivo, apontam vários elementos relevantes do planejamento para um crescimento satisfatório das MPE, de maneira que alguns desses fatores correspondem ao comportamento empreendedor, ao planejamento prévio e à gestão empresarial. Esse estudo explicita os reflexos positivos da incorporação de um bom planejamento e de uma boa gestão empresarial nas MPE.

Santos, Silva e Neves (2011) identificaram, por meio da ferramenta multivariada de regressão logística, os riscos que mais influenciam na sobrevivência de MPE. Em sua pesquisa quantitativa, foram levados em consideração o tempo de atividade, o *status* da renda, os cursos e treinamentos, a filiação e associação, o número de funcionários, o faturamento bruto mensal, a tendência da produção e a inovação dos produtos, traçando uma visão integral da empresa quanto ao gerenciamento das atividades operacionais. Como resultado, foram constatados como elementos relevantes a tendência de crescimento da produção, a presença de inovação nos produtos, o tempo de atividade comercial e a participação em cursos e treinamentos.

Já Sales, Barros e Pereira (2011) tiveram como objetivo buscar características específicas de empresários que não sobreviveram no mercado e, por meio de um estudo descritivo, analisaram o tempo que cada empresário utilizou para o planejamento do negócio. Os autores identificaram, então, o tempo dedicado às etapas de conhecimento do ramo de atividade, pesquisa de mercado, plano de negócios (clientes, concorrentes, fornecedores, parceiros), análise de viabilidade econômico-financeira e do capital social, com uma pesquisa quantitativa em 32 empresas. Como conclusão, os pesquisadores apontaram que os principais fatores condicionantes para a mortalidade das MPE estão relacionados a esse elemento analisado em seu trabalho.

Santos, Lavarda e Marcello (2014) enfatizaram, ainda, o modo como o desempenho dos gestores pode ser influenciado por fatores que, nem sempre, são objetivos. Eles buscaram investigar a relação do conhecimento de gestão de custos e participação orçamentária com o desempenho dos gestores, evidenciando, com uma pesquisa descritiva, que a performance no trabalho pode ser afetada pela falta de conhecimento, habilidade e experiência. Isso pode ser observado pois, segundo os autores, nos locais em que os gestores são mais capacitados, nota-se um desempenho mais satisfatório, contribuindo para as performances gerencial e coletiva da organização.

Já Santini et al. (2015) buscaram, como objetivo geral, levantar os fatores causadores da mortalidade das empresas, definindo que um negócio é composto por diversas variáveis a serem analisadas, a fim de que não se tornem motivo para o fechamento da empresa. Os elementos que levam ao fim de uma empresa, segundo a pesquisa quantitativa realizada pelos autores, são: falta de clientes; ausência de capital de giro; carga tributária elevada; ponto inadequado; recessão econômica do país; inadimplência de clientes; falta de conhecimento do negócio; concorrência muito forte; problemas financeiros; insuficiência de mão de obra; e falta de crédito. Portanto, são fatores que estão ligados ao mal planejamento do negócio e à má execução da gestão da empresa.

Markus e Moraes (2015), ao verificarem a forma de administrar e conduzir os negócios para a sobrevivência de uma MPE, constataram que ela está diretamente relacionada à boa gestão do empresário. Os autores observaram as intervenções diárias dos gestores, o *know-how*, a preparação de uma equipe no início e durante o negócio, um bom atendimento ao cliente, a análise de concorrentes, a gestão de preços e custos e, por fim, o alinhamento do objetivo da empresa, notando a importância do plano de negócios para obter sucesso em todas as partes da organização.

Por fim, Veloso e Porto (2015) visaram retratar a importância do planejamento financeiro nas MPE como uma responsabilidade do administrador que almeja alcançar os objetivos da empresa – a melhoria do ambiente de trabalho e o fortalecimento da empresa no mercado. Em sua pesquisa bibliográfica, os autores perceberam que, por meio do planejamento, o administrador financeiro consegue tomar decisões de forma segura, sem prejudicar a estabilidade da empresa.

Nesse sentido, os artigos aqui mencionados demonstram, claramente, a importância do planejamento para um crescimento satisfatório das MPE. Os textos evidenciam, ainda, o quão importantes são as ferramentas de gestão para um bom progresso do planejamento e para uma boa gestão empresarial.

4 METODOLOGIA

O trabalho apresentado coteja ideias de vários estudiosos e pesquisadores, além de análises de empresas no setor de varejo da cidade de Uberlândia. A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, revistas científicas e *websites*, já que, como afirma Fonseca (2002), “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que

permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (FONSECA, 2002, p. 32).

Na construção desse trabalho, foi entrevistada uma amostra significativa de empresários de organizações que se enquadram como MPE, cujo faturamento bruto é de até 3,6 milhões, como prescreve a lei complementar 139/2011. Os dados de origem das variáveis utilizadas neste estudo são referentes a uma pesquisa que visitou 30 estabelecimentos comerciais e aplicou um questionário em 25 empresas, nos meses de setembro e outubro de 2016. Os escolhidos para serem entrevistados foram os proprietários de alguns estabelecimentos que colaboram com o crescimento econômico do município de Uberlândia. O tempo médio da aplicação do questionário foi de 15 minutos em cada estabelecimento. O questionário foi estruturado por 18 questões de múltipla escolha, proporcionando a transcrição da pesquisa em formato de planilha.

Para operacionalizar o modelo de influência da gestão empresarial na taxa de mortalidade das MPE de Uberlândia, foi utilizado modelo estatístico de probabilidade em que a variável dependente constituiu-se a partir de variáveis características do perfil do empresário – algumas delas foram utilizadas nos estudos de Marques (2009), Baradel, Martins e Oliveira (2010), Cunha e Soares (2010), Santos, Silva e Neves (2011), Sales, Barros e Pereira (2011), Santos, Lavarda e Marcello (2014), Santini et al. (2015), Markus e Moraes (2015) e Veloso e Porto (2015). As variáveis que foram obtidas nas entrevistas serão descritas posteriormente.

O objetivo da inclusão desse modelo como ferramenta prática foi o de determinar as variáveis que estão mais associadas ao risco de sobrevivência das MPE mediante a gestão dos empresários. Assim, não se constitui como objetivo deste estudo a identificação do efeito causado pelas variáveis sobre as MPE entrevistadas, levando-se em consideração o fato de que a análise de dados é quantitativa.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Caracterização dos respondentes

A pesquisa envolveu um conjunto de 25 empresas do setor varejista em Uberlândia. De acordo com as respostas obtidas com o questionário, em entrevista realizada na cidade de Uberlândia, pode-se identificar que 64% das organizações estão no mercado há mais de 5 anos; 20% estão no mercado por um período de 2 a 5 anos; 12% funcionam por um período de 1 a 2 anos; e apenas 4% possuem de 0 a 1 ano de atividade. Quanto à constituição das

empresas pesquisadas, 48% eram Microempresas; 40% foram identificadas como Empresas de Pequeno Porte; e 12%, como Microempreendedores Individuais.

Com relação à escolaridade dos proprietários, conforme os resultados apresentados, 40% cursaram pós-graduação na área de negócios; 16% possuem curso superior completo; 28% estão com curso superior em andamento; e 16% têm o ensino médio completo. Verifica-se, logo, que um baixo percentual não possui graduação, diferentemente dos achados de Faria, Azevedo e Oliveira (2012). Isso atesta um impacto significativo da escolaridade dos empresários na sobrevivência das empresas, já que boa parte das MPE encerra suas atividades em 1, 3 ou 5 anos após seu início, segundo Markus e Moraes (2015). Santini et al. também reforçam esse impacto da formação escolar, como se nota no seguinte trecho:

Evidentemente, maior ou menor escolaridade reflete em ambientes sociais e culturais distintos, com diferentes níveis de acesso às oportunidades em geral. Esse diferencial repercute na capacidade de aprender com maior facilidade, aumentando as chances de entender mudanças e adquirir vantagem comparativa frente à concorrência. (SANTINI ET AL. 2015, p. 14).

Em relação ao nível de experiência profissional na área de gestão empresarial, 44% possuem mais de 5 anos; 16% evidenciaram experiência de 2 a 5 anos; 16% relataram experiência de 1 a 2 anos; e 24% possuem menos de 12 meses de experiência na área de gestão empresarial. Portanto, pode-se identificar que 60% dos entrevistados têm bastante experiência na área em questão, o que pode influenciar na boa gestão empresarial e explicar a sobrevivência dessas MPE no mercado por tanto tempo.

5.2 Análise descritiva das variáveis em estudo

As questões permitem identificar o nível de conhecimento e prática dos respondentes com respeito às principais variáveis da boa gestão financeira no ambiente organizacional. Verificou-se que, no que tange à gestão de fluxo de caixa, apenas 32% possuem fluxo de caixa capaz de calcular indicadores financeiros com projeções futuras; apenas 36% controlam suas contas a pagar, a receber e acompanham saldos bancários e faturamento; 8% possuem um fluxo de caixa; e 24% dos entrevistados não possuem controle do seu saldo bancário. Essas porcentagens apresentam uma relação de semelhança com os resultados obtidos por Baradel, Martins e Oliveira (2010), quanto ao controle financeiro realizado de maneira informal.

Quanto à separação entre as finanças da empresa e as pessoais, 44% as separam, há pró-labore, divisão controlada do lucro, sem benefícios de pagamento de contas pessoais com o dinheiro da empresa; 32% declararam que existe uma separação básica entre contas de pessoa jurídica e de pessoa física, mas que despesas pessoais são pagas pela empresa (exemplos: aluguel e energia da residência do proprietário); e 24% relataram que as finanças da empresa e as do proprietário são uma só. Esse resultado, ao ser comparado com o de Markus e Moraes (2015), apresenta um percentual de 30% para uma amostra de 10 respondentes, ilustrando que a maioria dos empresários retira o pró-labore de forma correta, e que o restante logo passou a viver do negócio, deixando clara a não separação básica entre contas de pessoa jurídica e de pessoa física.

Já em relação ao capital de giro, 60% das empresas sabem a quantidade de capital de giro necessária, mas apenas 28% fazem projeções para manter o nível adequado de capital de giro. Ademais, a maioria dos respondentes (52%) possui reservas para investimento, mas somente 28% as aplicam para gerar renda financeira. Esse resultado pode ser comparado com o de Baradel, Martins e Oliveira (2010), que nos relatam que o empresário prefere manter seus investimentos com uma postura mais conservadora, devido à falta de conhecimento sobre o assunto e à escassez de tempo.

No que tange à determinação dos custos envolvidos no negócio da sua empresa, 96% conhecem seus custos totais por mês (92% sabe distinguir custo variável de custo fixo), embora 52% façam o rateio e apenas 32% utilizem um sistema sólido e claro de classificação e análise dos seus custos. Os mesmos 96% sabem diferenciar despesa de investimento, no entanto, só 32% possuem um planejamento financeiro e orçamentário para cada um desses itens. Diante disso, nota-se a importância de que os custos envolvidos na empresa sejam conhecidos, para que a gestão financeira seja efetiva na organização.

No que diz respeito ao planejamento e controle orçamentário realizado pela empresa, apenas 28% usam o plano orçamentário como meio de reduzir gastos e aumentar o lucro; uma boa parte (40%) não possui qualquer planejamento ou controle orçamentário – e, aqui, vale lembrar que, de acordo com Veloso e Porto (2015), o planejamento e o controle orçamentário são utilizados como estratégias para alcançar as metas da empresa. Nesse sentido, pode-se observar, ainda, que 60% dos respondentes já requereram um ou mais empréstimos em instituições financeiras, ainda que 88% dos empresários tenham total controle sobre seus devedores e valores a receber da empresa. Comparando aos resultados de Veloso e Porto (2015), mais de 30% das MPE recorreram ao crédito bancário nos últimos 8 anos.

Percebeu-se, também, que 56% das empresas têm uma margem de contribuição padrão em seus produtos; 36% responderam que cada produto possui uma margem diferente; destes, 72% precificam seus produtos estabelecendo um *mark-up* e analisando a concorrência. Além disso, dos 60% dos empresários que realizam um planejamento, 44% relataram que o faturamento condiz com o esperado e 40% afirmaram que o faturamento está abaixo do planejamento anterior. Portanto, os empresários entrevistados, de modo geral, conseguem precificar seus produtos de forma correta, gerando um faturamento positivo e conseguindo se manter no mercado.

5.3 Posicionamento sobre os fatores de influência

Nesta etapa da pesquisa, as variáveis investigadas no estudo foram os fatores preponderantes que contribuem para o alto índice de mortalidade das MPE. Os fatores analisados e evidenciados, explicitados anteriormente neste texto, foram os seguintes: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa; falta de planejamento do negócio antes de sua abertura; má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade; baixo crescimento da economia brasileira; problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão); insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributária, trabalhista e de crédito); e, por fim, a má gestão financeira na empresa.

Na percepção dos respondentes, de acordo com sua experiência de mercado, os fatores que mais contribuem para o índice de mortalidade das MPE, entre os supracitados, são: a má gestão durante os primeiros anos de atividade (18,75%); em seguida, a má gestão financeira na empresa (17,88%); e, em terceiro lugar, a falta de planejamento do negócio antes de sua abertura. Esse resultado pode ser comparado com o de Cunha e Soares (2010), que demonstram a efetividade da empresa por meio do planejamento, e com o de Marques (2009), que identifica a importância de alguns conhecimentos para uma boa gestão do negócio, influenciando, conseqüentemente, a gestão financeira.

Posteriormente, foram identificados outros fatores que também influenciam na mortalidade das MPE. O perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa foi mencionado com índice de 13,04% na pesquisa realizada; em seguida estão os problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio, identificados com índice de 11,96% – vale destacar, aqui, que, em Sales, Barros e Pereira (2011), os problemas particulares dos sócios foram o fator mais apontado como motivo principal da mortalidade.

Ao fim da lista, encontram-se o baixo crescimento da economia brasileira (11,62%) e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (10,86%), contrastando-se com os resultados da pesquisa realizada por Sales, Barros e Pereira (2011), em que a crise econômica aparece na terceira posição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se investigar a percepção dos empresários da cidade de Uberlândia sobre a influência da gestão empresarial na taxa de mortalidade das MPE, por meio da análise descritiva de fatores identificados na literatura sobre o assunto em questão. Os resultados auferidos possibilitaram identificar os principais motivos, que contribuem no aumento do índice de mortalidade das MPE, reconhecidos pelos empresários, procurando reconhecer os elementos de maior relevância no processo de planejamento da empresa. Ao organizar a relação entre os elementos com percentuais em destaque na pesquisa, para cada item de cada construto, percebe-se que, em relação aos fatores influentes, o motivo de maior relevância está relacionado à gestão empresarial exercida na organização e à forma como são conduzida as ferramentas de gestão nas organizações.

Percebe-se que os itens com maior concordância, mesmo sendo de construtos diferentes, apresentam certa relação, ou seja, os empresários, no momento da gestão empresarial, buscam as ferramentas gerenciais e financeiras para uma efetividade maior na empresa.

Resgatando as contribuições da presente pesquisa, tem-se o esclarecimento de dúvidas e indagações sobre a influência da gestão empresarial nas MPE, podendo propiciar uma adequada sintonia entre os diversos empresários envolvidos na elaboração e no aperfeiçoamento da pesquisa. De acordo com os resultados colhidos, pode-se dizer que este estudo contribui para que outros estudantes e/ou órgãos que mensuram índice de mortalidade de empresas possam analisar os perfis dos empresários, principalmente, no comportamento em relação à gestão empresarial e, assim, buscar métodos efetivos para reduzir a mortalidade de MPE no Brasil.

Esta pesquisa, como mencionado, foi realizada em uma cidade específica (Uberlândia), o que, conseqüentemente, gera algumas limitações quanto à generalização dos resultados. Sendo assim, indica-se, para futuras pesquisas, a replicação do estudo em outras cidades, que podem ser do mesmo estado e/ou de outros, tendo em vista que as realidades

regionais são distintas, além da comparação dos fatores condicionantes para a mortalidade das MPE em diferentes seguimentos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BARADEL, Ellen; MARTINS, Simone; OLIVEIRA, Adriel. **Planejamento e Controle Financeiro: Pesquisa-Ação em Uma Microempresa Varejista**. Revista de Negócios, ISSN 1980-4431, Blumenau, v.15, n.4, p. 78-96, Outubro/Dezembro 2010.

CUNHA, Adriano; SOARES, Thiago. **Aspectos Relevantes do Planejamento no Crescimento das Micro e Pequenas Empresas (MPE)**. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.4, n.3, p.15-39, set/dez. 2010.

FARIA, J. A.; AZEVEDO, T. C.; OLIVEIRA, M. S. A utilização da contabilidade como ferramenta de apoio à gestão nas micro e pequenas empresas do ramo de comércio de material de construção de Feira de Santana/BA. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.6, n.2, mai/ago, p.89-106, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

MARKUS, Kleber; MORAES, Cláudio. **Longevidade Empresarial: MPEs a uma taxa de sobrevivência atípica**. Caderno Profissional de Administração – UNIMEP, v.5, n.1, 2015.

MARQUES, Adriano. XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. **A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão**. Salvador, BA, Brasil, 06 a 09 de outubro de 2009.

SALES, Rodrigo; BARROS, Aluisio; PEREIRA, Cláudia. **Fatores Condicionantes da Mortalidade dos Pequenos Negócios em um Típico Município Interiorano Brasileiro**. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.5, n.1, p.68-84, Jan/Abr., 2011.

SANTINI, Sidineia; FAVARIN, Eleusa; NOGUEIRA, Mieli; OLIVEIRA, Marcos; RUPPENTHAL, Janis. **Fatores de Mortalidade em Micro e Pequenas Empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul**. Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.8, n.1, jan./abr. 2015.

SANTOS, Alexandre; LAVARDA, Carlos; MARCELLO, Idair. **Relação do Conhecimento de Gestão de Custos e Participação Orçamentária com o desempenho dos Gestores.** Revista Brasileira de Negócios, São Paulo, v. 16, n. 50, p. 124-142, jan./mar. 2014. <http://spell.org.br/documentos/ver/30881/relacao-do-conhecimento-de-gestao-de-custos-e-participacao-orcamentaria-com-o-desempenho-dos-gestores>.

SANTOS, Lucas; SILVA, Gustavo; NEVES, Jorge; **Risco de Sobrevivência de Micro e Pequenas Empresas Comerciais.** Revista de Contabilidade e Organizações, vol. 5 n. 11, p. 107-124, 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Micro e Pequenas Empresas Geram 27% do PIB do Brasil. Mato Grosso 2014. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 09 mai. 2017.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Entenda as diferenças entre microempresa, pequena empresa e MEI. Brasília 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-microempresa-pequena-empresa-e-mei,03f5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em: 10 mai. 2017.

VELOSO, Leila; PORTO, Francisco. **A Importância do Planejamento Financeiro nas Micro e Pequenas Empresas.** Faculdade Promove, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Brasília, 2015.